

aconteceu com o caso da Venezuela. No caso do Brasil é mais complexo. Mas, na Venezuela existia uma conflagração social, ou seja, uma luta política que poderia ter ocorrido no Brasil, em 1989, onde de fato havia dois projetos ideológicos diferentes. Agora, nesse caso mais atual, o Lula ganhou porque não tinha oposição. Aí o que explica é o fator político, ou seja não existia uma alternativa política viável ao Lula. A população já tinha experimentado Fernando Henrique Cardoso, que significava o Alckmin. Não é que a pessoa não tenha votado no Alckmin, a pessoa não queria o retorno da era FHC. Foi percebido pela população que o Lula tinha muitos problemas, mas pior seria o FHC. O problema aí era falta de alternativa política. Porque a Heloísa Helena não era uma alternativa para a massa e sim para uma vanguarda, para uma elite. Então existe um componente real: 11 milhões de famílias recebem a 'Bolsa' do governo Lula. Isso resulta em aproximadamente 33 milhões de votos.

**P- O fator que interfere é o assistencialismo?**

**R-** Sim. E funciona. Mas, isso se explica não pelos meios de comunicação e sim pelas políticas. Porque tu podes criticar a política do governo como assistencialista, mas para quem recebe não é assistencialismo. É política. Tu estás fazendo uma crítica ilustrada, desde fora. Agora, desde quem vive e recebe a 'Bolsa', ela é essencial para a sua sobrevivência. Então as pessoas têm gratidão, demonstram votando no candidato. Isso é explicado do ponto de vista da ciência política, não do ponto das teorias da comunicação. Na verdade o que aconteceu nos dois países foi uma luta política. Na Venezuela duas posturas ideológicas muito díspares; no caso brasileiro não, um governo que tinha um projeto e existia um outro candidato que defendia um projeto anterior. As pessoas compararam na mídia e preferiram dar o crédito ao governo Lula. Isso não tem nada a ver com os meios de comunicação. O limite da influência dos meios de comunicação é algo que pode ser generalizado, pode e deve se estudar. Existe uma metodologia clássica que é a 'teoria dos efeitos'. Todo mundo sabe que os efeitos são limitados. Só na década de 20, no tempo da agulha hipodérmica, que se acreditava que podia se injetar uma ideologia em alguém. Hoje está esclarecido que o erro era da teoria. Nunca as pessoas foram submetidas aos meios de comunicação, mas a má teoria dizia lá dos anos 20 até os anos 50 que a propaganda era capaz de fazer a cabeça das pessoas. Na realidade nunca aconteceu, mas a teoria descrevia mal esse processo. Já há mais 40 anos que a teoria dos efeitos limitados sabe que os meios de comunicação produzem efeitos e que são limitados. O que interessa ao

pesquisador não é dizer que os meios de comunicação tutela as pessoas. Mas é saber na prática, por isso estuda caso a caso. Qual é o efeito que naquela circunstância aquele meio acabou surtindo naquela audiência? Mas para isso é preciso fazer um estudo específico.

**P- Professor, recentemente o jornalista inglês Robert Fisk, no programa Roda Viva, criticou o jornalismo que se faz hoje mundialmente, em especial o norte-americano. Ele falou que aquele jornalismo independente de décadas atrás caiu**

**por terra e o grande exemplo disso seria a invasão do Iraque. Como o senhor analisa esse contexto, em especial no Brasil que tem grande influência do modelo dos Estados Unidos?**

**R-** O principal engano é quando se vai diferenciar independência de objetividade, porque isso é essencial. Ou seja, o jornalismo como prática profissional só pode ter credibilidade e se legitimar se for objetivo. Mas objetividade não tem nada a ver com independência e a não interpretação dos fatos. Ninguém é totalmente independente. Isso *a priori* não existe. Mas isso não limita as potencialidades do jornalista. Porque essa é uma crítica que quando feita, não leva a lugar nenhum. Porque então não seria possível objetivar conhecimento algum. Portanto, ela não é pertinente do ponto de vista epistemológico. Ou seja, a independência completa não existe. Mas é possível ser independente, em qualquer que seja a área, se fosse assim o juiz não julgaria. Porque tu tens que criar critérios de objetividade seja no processo judicial, seja na prática profissional. Por que os jornalistas têm uma série de técnicas e pré-requisitos para elaborarem uma notícia? Porque isso permite identificar se essa notícia é mais ou menos objetiva. O que não tem nada a ver com não-interpretção. Toda notícia é uma interpretação. Porque os fatos em si não existem, precisam ser apreendidos por alguém. Eles são um recorte. Então é equivocado dizer que a notícia não é objetiva porque ela é uma



**“Prática do jornalismo nos Estados Unidos está limitada pelo governo”**

interpretação. Ao contrário, ela só pode ser objetiva porque ela é uma interpretação. Tu partes do pressuposto que toda a notícia é uma interpretação. Mas mesmo sendo uma interpretação ela

tem que seguir determinados parâmetros que a tornem objetiva. Essa objetividade está relacionada com os conteúdos e não com a interpretação.

**P- Que tipo de recursos o jornalista utiliza para atingir essa objetividade?**

**R-** No jornalismo, *a priori* existem os fatos. Não podemos confundir, porque não é uma invenção da

realidade que me remeteria à ficção. Se tem um avião que caiu, eu não inventei. Isso aconteceu. Agora, desse fato pode gerar milhares de notícias. Tantas quanto o número de jornalistas que cobrirem esse fato. Cada um vai interpretar de uma forma. Mas veja bem: existe o acontecimento. A objetividade está na apresentação das informações.

Por exemplo, não importa se tu escreves a notícia em Londres ou Cacequi, o horário que a aeronave caiu é o mesmo. Essa é a informação que deve constar, que caracteriza um critério de objetivação.

Ou seja, tu és livre para interpretar, mas não para inventar a realidade. Outro exemplo: tu vais interpretar que a empresa agiu de forma legal ou ilegal baseado numa norma. Os aviões devem ser revisados a cada cinco dias. Daí tu vais apurar e vê que faz um mês que esse avião não é revisado. A partir disso tu podes claramente interpretar: Falta de revisão provoca o acidente. São indícios de realidade que te permitem interpretar no jornalismo. Uma outra questão importante sobre os Estados Unidos é que ao contrário do que se pensa, aquele país não tem liberdade de imprensa. Desde o '11 de setembro' foi ditado um decreto do governo 'Bush Jr.' aos meios de comunicação. Eles estão submetidos à censura. Então, não é que os jornalistas não cubram porque não querem. Por exemplo, os jornais não podem colocar fotos, nem dizer o número de mortos. Isso é uma censura à imprensa norte-americana. Pois não há

liberdade para os jornalistas trabalharem nos Estados Unidos. Isso é um dado de realidade, da mesma forma como foi aqui no Brasil, no período da ditadura. Limita-se o exercício da profissão. Mas tu não podes dizer que não existe jornalismo no Estados Unidos. Essa generalização é muito perigosa. Existe a prática que está limitada por um decreto federal, que prejudica muito a qualidade. Mas não significa que não se tenha boa produção jornalística nos Estados Unidos. Em muitos casos, como o do correspondente do *The New York Times* no Brasil, Larry Rohter, que está em um dos cinco melhores jornais do mundo, publicando barbaridades que certamente o *A Razão* não publicaria, por não ter a menor fundamentação (chamou Lula de bêbado e outras coisas mais). Isso não cumpre com o pré-requisito de objetividade.

**P- Com a propagação da internet como fonte de notícias, os jornais impressos, segundo alguns estudiosos, estão em 'crise de identidade'. Como o senhor vê essa questão da internet tomando lugar do jornal impresso?**

**R-** A cada período histórico as pessoas mudam os seus hábitos. Hoje grande parte das pessoas é alfabetizada visualmente pela televisão. Na minha época eu fui influenciado pelo rádio. Não era de uma família letrada e tive pouco acesso a jornais, livros – na minha casa, como na maioria dos brasileiros hoje – não tinha biblioteca. Nós não temos essa tradição, mas sim a oral. Atualmente, o rádio e a televisão tomam conta dessa cultura, com a sobreposição do audiovisual. Tanto é que as tiragens dos nossos jornais são ridículas. O jornal *Folha de São Paulo*, de maior tiragem, não chega a 400 mil exemplares por dia, num país que tem 180 milhões de habitantes. É nada. É a tiragem de um jornal espanhol, e a Espanha tem 40 milhões de habitantes. Cada vez mais as pessoas lêem menos. Eu tenho alunos do curso de jornalismo que não lêem jornal. O hábito da leitura se reduz muito e percebemos que a tendência é de cair a tiragem dos jornais. Eu não acredito que os jornais vão desaparecer e sim que tome conta uma nova hegemonia. Então, um novo veículo predomine e os outros vão se adaptando, tendo um percentual de mercado mais reduzido, mas não necessariamente desaparecerem. O que vai acontecer? Eu faço ciência, que pode gerar alguma previsão. Mas não tem como apreender o que vai ocorrer efetivamente no futuro. A realidade atual nos permite antecipar é que dificilmente nos próximos 20, 30, 40 anos, o jornal impresso vai desaparecer. Provavelmente vai acontecer uma reconfiguração e uma redução dessa importância como um produto para veiculação de informação jornalística.